

COLABORAÇÃO PARA CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO MEMORIAL DO TROPEIRO E DO FERREIRO EM DIAMANTINA, MINAS GERAIS

BEATRIZ CAROLINA PIMENTEL¹ ; RAQUEL FARIA SCALCO² ; MARIA
CLÁUDIA ALMEIDA ORLANDO MAGNANI³; CAMILA HELENO⁴

¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- beatriz.pimentel@ufvjm.edu.br

² Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- raquel.scalco@ufvjm.edu.br,

³ Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – mclaudia.magnani@ufvjm.edu.br

⁴ Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – camila.heleno@ufvjm.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno do transporte por tropas começou a aparecer no Brasil na segunda metade do século XVII e, possivelmente, teve a participação nas bandeiras que adentraram o interior (SATHLER, 2004). Em Minas Gerais, essa atividade se intensificou no século XVIII e se manteve até cerca de 1950, sendo um agente central no desenvolvimento da economia mineira por longo tempo.

As tropas foram responsáveis pelo transporte das riquezas produzidas em Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro e São Paulo, e por abastecer as regiões mineradoras com gêneros alimentícios e demais insumos necessários. O Mercado Velho de Diamantina (Centro Cultural David Ribeiro) se destaca dentre os ranchos de tropeiros mais famosos e importantes de Minas Gerais, mantendo um movimento intenso de tropas até às primeiras décadas do século XX. O tropeirismo participou da dinâmica econômica e comercial entre Diamantina e outras cidades do Jequitinhonha e Norte de Minas (MARTINS, 2010).

Dentre os diversos produtos trazidos pelas tropas para Diamantina, estavam também os artefatos, equipamentos e ferramentas em ferro, caracterizados como produtos de importância da época. Até 1808, com a chegada da Família Real no país, a fabricação de ferro era proibida no Brasil, sendo que grande parte do ferro era oriundo da Inglaterra e, ao chegar em Minas Gerais, alcançava preços até 300% maior do que no estado do Rio de Janeiro. Os altos tributos e o custo de transporte das tropas faziam com que o ferro se tornasse um artigo de luxo (SATHLER, 2004).

No final do século XVIII artefatos de ferro passaram a ser produzidos em Minas Gerais, a princípio de modo isolado e informal, tendo se difundido no início do século XIX (BRITO, 2012). O processamento do ferro começou, então, a ser realizado em várias localidades de Minas Gerais, como Ouro Preto, Mariana, Sabará, Conceição do Mato Dentro, Morro do Pilar, Santa Bárbara, Itabira e Itamarandiba. A partir do ferro eram produzidos de modo artesanal trepes, ferraduras, enxadas, facas, fechaduras, balanças, candeeiros, armas, arreios, entre outros utensílios e ferramentas que eram transportados e comercializados pelos tropeiros e utilizados na agricultura, no garimpo, no cotidiano das casas e também pelos próprios tropeiros (ALFAGALLI, 2012).

Diante da importância dos tropeiros para o transporte e comércio em Minas Gerais, e do ferreiro como o primórdio da indústria deste estado, surge a iniciativa de criação do Memorial do Tropeiro e do Ferreiro em Diamantina. Ambos os ofícios foram de extrema importância para a construção histórica da região e merecem seu reconhecimento e valorização para as futuras gerações, sendo também um potencial atrativo turístico da cidade, que irá valorizar e resgatar a história desses profissionais que tiveram tanta notoriedade para a região.

Os participantes deste projeto são docentes e discentes do curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM –, representantes da Prefeitura Municipal de Diamantina e da sociedade civil.

Assim, foi desenvolvido um projeto de extensão cujo objetivo é a criação e implantação do Memorial do Tropeiro e do Ferreiro em Diamantina. Dentre os objetivos específicos estão: realizar uma pesquisa histórica sobre os ferreiros e tropeiros na região; identificar e catalogar as peças que comporão o acervo do memorial; realizar um resgate da história dos ferreiros e tropeiros ainda existentes na região; contribuir para conservação da memória e da história desses ofícios em Minas Gerais; contribuir para a formatação de um novo atrativo turístico da cidade, visando enriquecer ainda mais a experiência do turista de Diamantina.

2. METODOLOGIA

Este trabalho possui caráter qualitativo, e foi desenvolvido por meio da coleta de dados primários e secundários. Foi realizada pesquisa bibliográfica e documental sobre a história da indústria, do comércio e do transporte em Minas Gerais, e sobre o histórico e a importância do ferreiro e do tropeiro nesse contexto, com foco prioritário na região dos diamantes.

Realizou-se a etapa de identificação, caracterização e catalogação das peças que irão compor o acervo do memorial. Nesta etapa, houve uma atuação conjunta entre a UFVJM e a Prefeitura Municipal de Diamantina.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com antigos tropeiros e ferreiros ainda existentes na região de Diamantina, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM e demais cuidados éticos cabíveis. Essas entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise.

Foram elaborados materiais com cunho didático pedagógico e publicitário (como folder, cartilha informativa e vídeo de divulgação), a fim de auxiliar futuros monitores e visitantes do memorial a entenderem um pouco dessa história.

Destaca-se que, em função da Pandemia da Covid-19, houve atraso na inauguração do memorial e alterações em algumas ações deste projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os resultados alcançados temos a construção do referencial teórico sobre tropeiros e ferreiros, utilizado para escrita do relatório final do projeto, artigos e publicações posteriores.

Realização de duas entrevistas com antigos tropeiros e ferreiros, atividade possibilitou uma maior detalhamento de como se deu a atuação destes profissionais no contexto local.

Construção de cartilha informativa sobre os tropeiros e ferreiros, a ser utilizada na formação de futuros monitores que poderão atuar no Memorial.

Elaboração de vídeo de divulgação científica com imagens das ações desenvolvidas no projeto, com depoimento dos participantes.

Catalogação de cerca de 70 a 80 peças que irão compor o acervo do Memorial, com fichas descritivas e registros fotográficos.

As etapas desenvolvidas possibilitaram um maior entendimento sobre os tropeiros e ferreiros atuantes na região de Diamantina, com destaque para os primeiros, uma vez que existe maior quantidade de trabalhos acadêmicos e demais publicações acerca dos tropeiros do que em relação aos ferreiros.

A visita e troca de experiências com os colaboradores do Museu do Tropeiro de Ipoema (Itabira, MG) foi de contribuição ímpar para melhor

assimilação e estruturação na etapa de planejamento do espaço e da exposição das peças no futuro memorial.

Em virtude do atual contexto de isolamento social, algumas etapas do projeto demandaram adaptações. Diante disso foram realizadas reuniões remotas para deliberar sobre o andamento das atividades do projeto. E neste período foram feitas duas apresentações remotas do projeto, uma na Live “Diálogos Interdisciplinares” no Canal do YouTube do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da UFVJM; e outra na Semana de Integração do Curso de Turismo da UFVJM, no Canal do YouTube Turismo ConsCiência.

A seguir apresentamos algumas peças do acervo (Figura 1). Nesta etapa foi realizada a separação entre peças que serão expostas e as direcionadas a reserva técnica do Memorial.

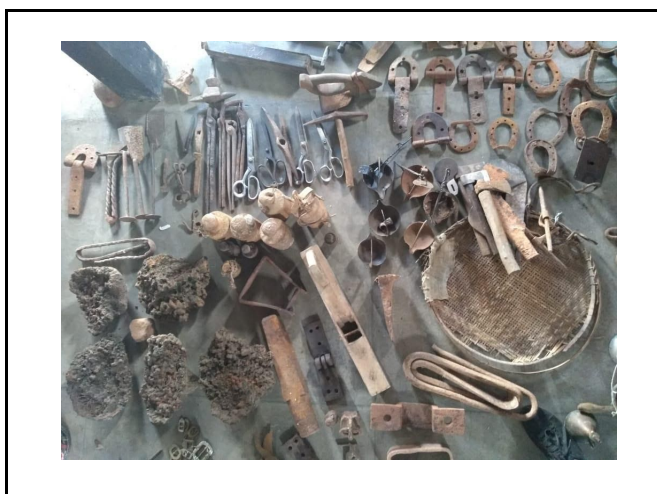


Figura 1 - Artefatos utilizados pelos tropeiros e ferreiros.

Fonte: acervo do projeto

Na figura 2, temos o registro de uma das entrevistas realizadas que foi realizada no Mercado Velho de Diamantina, com um antigo tropeiro da região.



Figura 2- Entrevista com antigo tropeiro.

Fonte: acervo do projeto

4. CONCLUSÕES

Este projeto de extensão, por meio de suas iniciativas e atividades, possibilitou a efetivação de uma parceria entre a UFVJM, a Prefeitura Municipal de Diamantina e membros da sociedade civil, em consonância com a atuação pautada nos pilares da extensão universitária e incentivo à cultura local.

O Mercado Velho de Diamantina caracteriza-se como um dos principais atrativos turísticos da cidade. Nesse local acontecem feiras aos finais de semana, servindo de palco para diversos eventos e manifestações culturais. De fato, a relação existente entre os moradores da cidade e seus visitantes com o Mercado Velho, principalmente aos finais de semana, se mantém vívida.

O Mercado, tendo sido um importante rancho de tropas no século XIX, carrega em si uma forte simbologia associada a esses profissionais que atuaram durante diversos anos em suas dependências que ainda hoje remetem aos tropeiros no imaginário da comunidade diamantinense.

A criação do Memorial dos Tropeiros e Ferreiros nesse espaço vem com o intuito de resgatar a cultura tropeira, destacando a história e os saberes passados pelos tropeiros e ferreiros ali atuantes. Além disso, esse será um atrativo turístico a mais na cidade, que retratará a memória social da comunidade sobre o cotidiano dos tropeiros e sua importância histórica para o transporte, comércio e comunicação na região. Infelizmente diante do isolamento social imposto pela pandemia da COVID- 19, a abertura oficial do memorial foi adiada. Espera-se que em breve possa ser realizada sua inauguração de modo a respeitar os parâmetros e protocolos sanitários e de segurança vigentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFAGALI, C. G. M. **Em casa de ferreiro pior apeiro: os artesãos do ferro em Vila Rica e Mariana no século XVIII**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

BRITTO, M. S. G. O ferreiro e a forja no universo da escravidão: experiências de homens de cor nas Minas do ferro escravistas. In. **XVIII ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA**. Mariana: Seção Minas Gerais. 2012.

MARTINS, M. L. O comércio de “Gêneros do País” no Mercado de Diamantina, Minas Gerais: décadas de 1880 a 1930. **Revista de História**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2 p. 157-173, 2010.

SATHLER, E. B. **Tropeiros & outros viajantes**. Niterói: Edição Próprio Autor, 2004, 2ª Edição, 280 p.